



Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1129

03.11.2024 (135)

A. V. Schaerffenberg

Heróis desconhecidos da raça branca

Parte 2

Fritz Julius Kuhn

A 16 de outubro de 1958, George Lincoln Rockwell ergueu a bandeira da suástica pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Na sua autobiografia, *This Time the World*, o antigo comandante da Marinha dos EUA deixa claro que considerava esse dia como o início oficial do nacional-socialismo americano na era pós-Hitler. Embora o Comandante Rockwell tenha sido certamente o líder mais famoso que o movimento produziu nos Estados Unidos, não foi o primeiro. Houve outros, vinte ou mesmo trinta anos ou mais antes do seu tempo. Os seus nomes, feitos e destino foram quase totalmente apagados pela catástrofe da guerra que se interpôs entre a sua luta e a dele. Mas o mais recordado desses nacional-socialistas anteriores à guerra pertencia a um fenómeno incorretamen-



Fritz Julius Kuhn

te descrito por uma imprensa antagónica como "o Bund germano-americano".

Ainda hoje, alguns nacional-socialistas, americanos ou não, se encolhem de embaraço à simples menção do seu nome. Consideram o Bund como um erro muito grave, algo que é melhor esquecer, principalmente porque fez o jogo dos seus inimigos ao fomentar a noção de que o nacional-socialismo era apenas uma conspiração alemã para conquistar os EUA. Mas a verdade, tal como revelada pelo autor judeu de *The Nazi Movement in the United States*, era algo completamente diferente. Embora naturalmente hostil em relação ao seu objeto de estudo, Sandar Diamond apresenta, no entanto, uma visão credível do Bund, em grande parte (e surpreendentemente) não colorida pelas invectivas habituais. Esta é a única história real disponível desta organização controversa. Mesmo assim, é pelo menos um relato adequado de uma parte importante da herança do nosso movimento.

Mais do que alguns camaradas protestariam que o Bund não faz parte da nossa herança; que os seus seguidores não passavam de nacionalistas teutónicos míopes, que consideravam "ariano" apenas um sinónimo de "alemão". Por outras palavras, não se preocupavam com a unidade racial branca mundial que Rockwell via no nacional-socialismo, e esforçavam-se apenas por organizar comunidades alemãs nos Estados Unidos. Esta interpretação é marginalmente correcta, de acordo com a investigação credível de Diamond. Curiosamente, foi levado a lançar o seu livro, mais de quatro décadas depois dos acontecimentos sobre os quais escreve, pelo ressurgimento do Poder Branco em meados dos anos 70, centrado no Midwest em geral e em Chicago em particular, embora de forma alguma exclusivamente. Sem mencionar efetivamente esta luta contemporânea, Diamond queria mostrar, por inferência, que havia paralelos a estabelecer com o Bund. Talvez tivesse razão. Quer possamos ou não aceitá-lo como uma organização nacional-socialista pura, o Bund é inseparável da nossa linhagem histórica, se não mesmo ideológica, quer queiramos quer não, porque não está completamente esquecido por muitos americanos que viveram no final dos anos 30 e no início dos anos 40. Além disso, a verdade não é tão terrível como alguns camaradas podem antecipar.

Teutónios e amigos

A *Federação do Povo Americano-Alemão*, o seu nome correto, não foi a primeira manifestação do nacional-socialismo nos Estados Unidos. Já em março de 1923 (oito meses antes do Putsch de Munique), a bandeira da suástica foi hasteada pela primeira vez na América a partir de uma casa residencial na zona norte de Chica-

go. Tinha sido erguida por alguns homens, na sua maioria imigrantes das condições de fome da Alemanha do pós-guerra, que se juntaram no *Teutonia Club*. O seu número não ultrapassava talvez uma dúzia de membros, cujo objetivo era partilhar o seu amor comum pelo nacional-socialismo, nada mais. Como o próprio nome indica, tratava-se apenas de um clube, sem objectivos políticos, a não ser a recolha de pequenas somas de dinheiro como donativos enviados para a Alemanha e para a luta de Hitler.

Depois de 9 de novembro, com o fracasso de Munique, alguns refugiados do Putsch falhado chegaram à América e juntaram-se à pequena reunião de camaradas de Chicago, que mudaram o nome do grupo para *Associação Teutonia*. Quando Hitler foi eleito chanceler, em 30 de janeiro de 1933, a *Associação Teutonia* contava com 500 membros fraternos, a maioria em Chicago, Detroit e Nova Iorque. Foi nessa altura que os camaradas de Teutonia alcançaram o seu mais feliz sucesso, quando convenceram o proprietário de um dos restaurantes mais conhecidos de Chicago, o Red Star Inn, na Clark Street, perto da North Avenue, a hastear uma enorme bandeira suástica no topo do seu telhado, para celebrar o triunfo do Fuehrer! Mas o hastear dessa bandeira assinalava também o aparecimento de um problema muito sério.

Devido à vitória eleitoral dos nacional-socialistas, os teutónicos foram subitamente inundados por milhares de pedidos de adesão. Sem uma organização formal para acolher o enorme afluxo de interesse, a associação teve de ser dissolvida e, no seu lugar, foi criada uma nova estrutura orientada para lidar com uma adesão em massa: *Amigos da Nova Alemanha*. Apesar da sua dimensão crescente, a F.O.N.G., como era vulgarmente conhecida, continuou a ser uma instituição fraterna de germano-americanos, que cantavam os louvores a Adolf Hitler em piqueniques e cervejarias. No entanto, o seu carácter inócuo não duraria muito tempo.

No início de abril, o Congresso Judaico Americano e a B'nai B'rith lançaram um boicote nacional a todas as lojas alemãs nos Estados Unidos, mesmo que os proprietários fossem americanos há várias gerações. Os judeus exigiram: "Não comprem produtos alemães!" De repente, as delicatessens, as lojas de música ou de brinquedos que tinham sido, durante muito tempo, parte integrante da cena metropolitana americana viram as suas montras partidas, os seus clientes insultados como "fascistas!" e os seus proprietários ameaçados com violência, que por vezes se concretizava para um infeliz lojista.

Nesse verão, os judeus e os seus lacaios gentios encenaram um enorme aconteci-

mento mediático, quando alugaram e encheram o cavernoso Madison Square Garden de Nova Iorque. Foi o cenário de um julgamento simulado, no qual Adolf Hitler e os seus seguidores foram acusados de "crimes contra a humanidade". Com uma cobertura abundante na imprensa, em todas as grandes cadeias de rádio e nos noticiários de Hollywood, os judeus falaram de assassínios em massa e de campos de extermínio; rolaram no chão em paroxismos descontrolados de ódio cuspidos e rasgaram as suas vestes ao melhor estilo do Antigo Testamento - tudo isto anos antes de a alegada "Solução Final" ter supostamente começado. Tratava-se, evidentemente, de um aquecimento para o ato supremo de vingança judaica, os Julgamentos de Nuremberga do pós-guerra. Com a sua obsessão talmúdica pela "Lei", ninguém se surpreendeu com os veredictos de culpa proferidos contra Hitler, *in absentia* (a mesma frase reutilizada em Nuremberga e ainda hoje atual, sempre que algum octogenário acusado de um passado nacional-socialista é apontado pelos judeus), nem com a previsível sentença de morte saudada com alegria frenética pela assembleia hebraica, como uma cena saída de Purim. O facto de estes procedimentos históricos terem tido lugar depois de Hitler ter estado no poder apenas alguns meses e mais de dez anos antes de o falso "Holocausto" ter supostamente começado também não surpreende ninguém que conheça os judeus. De facto, o vingativo julgamento foi a sua declaração oficial de guerra contra a Alemanha nacional-socialista. Prometeram publicamente puxar todos os cordelinhos financeiros para derrubar economicamente aquele país desafiador.

Judeus declaram guerra

O principal organizador do julgamento de ódio e um porta-voz do boicote anti-alemão resumiu exatamente o que os judeus estavam a fazer. Conforme transmitido pela maior estação de rádio de Nova Iorque (WABC) e publicado no dia seguinte (7 de agosto de 1933) no *The New York Times*, Samuel Untermeyer, Presidente da *Federação Económica Judaica Mundial*, bradou: "E assim a história se repetirá, mas isso não fornece nenhuma razão para que devamos permitir esta reversão de uma outrora grande nação para a Idade das Trevas, ou deixar de resgatar estas 600.000 almas (judeus) das torturas do Inferno, pois podemos agir com a ajuda dos nossos amigos cristãos, se tivermos vontade de agir. Cada um de vós, tanto judeus como gentios, que ainda não se alistou *nesta guerra sagrada* (itálico do autor), deve fazê-lo agora e aqui. Não basta não comprar produtos fabricados na Alemanha. Deve recusar-se a negociar com qualquer comerciante ou lojista que venda produtos de fabrico alemão ou que patrocine navios ou transportes marítimos alemães. O que estamos a propor e o que já fizemos em grande escala é levar a

cabo um boicote económico puramente defensivo que irá minar o regime de Hitler e chamar o povo alemão à razão, destruindo o seu comércio de exportação, do qual depende a sua própria existência. Para concluir, permitam-me que vos agradeça mais uma vez esta receção animadora e que vos assegure que, com o vosso apoio e com o dos *nossos milhões de amigos não judeus* (itálico do autor), cravaremos o último prego no caixão do fanatismo e do fanatismo!"

O tom odioso dos discursos de morte e destruição de Untermeyer é óbvio, mesmo em letra de forma, sem o benefício da voz excitada, aguda e nasal do homem. Ao defender o fim da Alemanha tão cedo, estava a cumprir ativamente os *Protocolos dos Sábios de Sião*, que afirmam: "Temos de estar em posição de responder a todos os actos de oposição através da guerra com os vizinhos (os "amigos não-judeus" de Untermeyer) do país que ousa opor-se a nós" (Ponto 3, Protocolo VII). Quando a agressão económica se transformou finalmente em agressão militar, como sempre acontece, a declaração de Untermeyer de 1933 em nome do judaísmo mundial não foi esquecida. Maurice L. Perlzweig, chefe da secção britânica do *Congresso Judaico Mundial*, regozijou-se: "O *Congresso Judaico Mundial* está em guerra com a Alemanha há sete anos!" (*Toronto Evening Telegraph*, 26 de fevereiro de 1940) Foi secundado por Geoffrey Mander, no *Jewish Standard* de Londres, a 7 de abril de 1941, quando disse: "A causa dos judeus em todo o mundo é a causa pela qual a Grã-Bretanha e os seus aliados estão a lutar." O *Jewish Mirror* de Nova Iorque, em outubro de 1942, citou Ludwig Lewisohn, um dos homens mais influentes do mundo, como uma figura de poder na *Organização Sionista da América*: "O povo judeu é o símbolo da natureza desta guerra. Não há mais ninguém. Nada mais. Este é o alfa e o ómega, o princípio e o fim de toda a questão! "

Surgem as tropas de assalto americanas

Uma vez que as autoridades americanas, naturalmente, não estavam dispostas a proteger os comerciantes germano-americanos dos judeus, um grito de ajuda foi lançado à F.O.N.G. Os seus organizadores responderam criando um serviço de segurança totalmente voluntário, homens uniformizados que faziam guarda em frente aos estabelecimentos ameaçados e distribuía folhetos explicando o dilema da perspectiva germano-americana. Conhecidos como O.D. ("Ordnungs Dienst", ou "Serviço de Ordem"), os seus activistas desempenharam um papel importante na salvação das pequenas empresas americanas da ruína durante a depressão, ao mesmo tempo que protegiam a vida e a integridade física do terrorismo de rua judaico.

Do outro lado do Atlântico, os dirigentes de Berlim não estavam alheios aos acontecimentos nos Estados Unidos. As ações dos judeus eram previsíveis e o seu domínio sobre a maior parte dos meios de informação pública era igualmente apreciado. O antigo N.S.D.A.P.-A.O., um gabinete do partido criado especificamente para a comunicação entre os nacional-socialistas no país e no estrangeiro, era dirigido por Ernst Bohle. Nascido em Inglaterra, passou a sua juventude na África do Sul antes de se licenciar em Comércio na Universidade de Berlim, em 1923. Inspirado pelos dramáticos acontecimentos de novembro de 1923, juntou-se ao movimento incipiente de Hitler, subindo rapidamente na hierarquia até se tornar Secretário de Estado no Ministério dos Negócios Estrangeiros, sobretudo devido à sua grande familiaridade pessoal com o mundo fora da Europa, em particular com as nações de língua inglesa. Consciente de que quaisquer declarações sobre a verdadeira natureza do boicote judaico emitidas pelo seu gabinete seriam apagadas pelos meios de comunicação judaicos da América ou distorcidas para servir propósitos anti-alemães, Bohle enviou folhetos, livros e filmes para a F.O.N.G. Os seus organizadores disponibilizaram estes materiais como contrapropaganda verdadeira à campanha maliciosa de relações públicas levada a cabo por Untermyer e a sua laia kosher.

Bohle queria aumentar muito o volume dos seus envios de informação. Mas estava ansioso por que esses materiais fossem distribuídos por grupos americanos nacionais. Enquanto a sua literatura e os seus filmes fossem distribuídos exclusivamente através da comunidade alemã, os americanos iriam logicamente assumir que não passavam de "propaganda nazi" e rejeitá-los como pontos de vista tendenciosos de uma potência estrangeira. O que ele queria era mostrar a boa vontade e a amizade da Nova Alemanha para com a América. É certo que havia uma organização nacional-socialista nativa a operar na altura, a *Legião dos Camisas de Prata*. Mas o seu líder, William Dudley Pelley, já sob o escrutínio do FBI e de comités de investigação do Congresso, optou por distribuir apenas quantidades limitadas do material de Berlim, porque não tinha intenção de fundamentar a acusação dos seus inimigos de que os Camisas de Prata eram agentes de outro governo.

Enquanto Bohle se esforçava por tornar a posição do Terceiro Reich palatável para o povo americano, os líderes da F.O.N.G. estavam a puxar na direção oposta. Os seus esforços estavam mais concentrados na organização das comunidades de língua alemã dos EUA, para tornar todos os alemães na América parte da Pátria, com uma consideração apenas secundária pelo resto da população. Os resultados eram previsíveis. Os alemães na América, como todos os imigrantes, mantinham laços

sentimentais e culturais com a sua terra natal, mas tinham-se tornado americanos primeiro em tudo o resto e ressentiam-se de quaisquer tentativas de os politizar por parte de pessoas que agora consideravam estrangeiras. "Na sua essência, os imigrantes alemães e os seus descendentes tinham-se tornado americanos e queriam continuar a sê-lo." Ressentiam-se de ver a sua lealdade ao seu país de adoção comprometida por compatriotas da F.O.N.G.

A maioria dos não germano-americanos começou a ver o nacional-socialismo como nada mais do que uma outra versão do comunismo, uma conspiração para a tomada do poder; Estaline usava os trabalhadores, Hitler usava os germano-americanos; essa era a única diferença que compreendiam. Horrorizado e irritado com a mudança desfavorável de opinião, Bohle ordenou aos directores da F.O.N.G. que expulsassem todos os cidadãos alemães, reduziu drasticamente as remessas de materiais para os Estados Unidos e emitiu a famosa declaração pública:

"O nacional-socialismo não é para exportação." Os *Amigos da Nova Alemanha* tinham prejudicado muito a reputação daquele país na América, fazendo o jogo do seu inimigo judeu, e Bohle esperava que em breve desistissem. De facto, à medida que os seus esforços começavam a esmorecer e as lutas internas eclodiam entre os seus líderes, os dias da F.O.N.G. estavam contados. Mas o nacional-socialismo americano sofreu.

Os americanos e o Terceiro Reich, um caso de amor mútuo

Felizmente, as relações dos EUA com a Alemanha melhoraram drasticamente como consequência, não a nível governamental, claro, mas o turismo americano na Alemanha aumentou em meados da década de 1930. Como admite Diamond, "os visitantes inundaram o Terceiro Reich. Era o verão dos Jogos Olímpicos alemães. As pensões e os hotéis estavam cheios e os estrangeiros maravilhavam-se com a autoestrada e os edifícios governamentais recentemente construídos na capital. Muitos regressaram a casa acreditando que o espírito do nacional-socialismo não era apenas uma criação da propaganda". E cita "o fluxo de turistas americanos que visitavam a Alemanha. Os americanos eram uma atração familiar na Renânia, nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, ou visitando as famosas cidades medievais muradas de Noerdlingen ou Rothenburg an der Tauber. Os Jogos Olímpicos terminaram a 16 de agosto. Embora muitos visitantes estrangeiros tenham deixado a Alemanha, um número igualmente grande ficou e fez preparativos para assistir aos

Dias do Partido (Reichsparteitag der Ehre, ou o "Dia de Honra do Partido do Reich"), que começaram a 8 de setembro." E, ao contrário da política da Cortina de Ferro da União Soviética para com os seus próprios cidadãos, "os alemães também visitaram os Estados Unidos em grande número". Obviamente, Hitler não tinha nada que se preocupar com deserções. De facto, por esta altura, numa conversa ao jantar, mencionou casualmente: "Quem quiser sair da Alemanha, que saia. Não me vou meter no seu caminho. Se não estão satisfeitos com o que estamos a tentar fazer, não devem ficar aqui. A porta está sempre aberta".

No momento em que o boicote aos judeus era derrotado pelas suas políticas económicas revolucionárias e o Reich se tornava um íman cultural para admiradores de todo o mundo, a moribunda F.O.N.G. ganhava um novo fôlego, para grande desgosto de Bohle. *Os Amigos*, exasperados por disputas intermináveis, entregaram a sua autoridade a um dínamo organizacional chamado Fritz Kuhn. Este começou por dissolver a F.O.N.G. e substituí-la pela *Amerikadeutscher Volksbund*, ou *União Popular Americano-Alemã*, mais conhecida depois simplesmente como Bund. A 29 de março de 1936, Kuhn, de 39 anos, foi eleito Bundesleiter (líder do Bund) para criar "uma poderosa organização cáltica". Diamond prossegue, salientando que "durante os anos de Fritz Kuhn, o Bund nazi americano passou de um grupo faccionado e ineficaz a instrumento de um movimento ativo. Kuhn, o homem de negócios, conseguiu transformar o Bund, de um grupo endividado e dependente do apoio da Alemanha nazi, numa operação autossustentável e geradora de dinheiro", com 55 unidades a funcionar em 7 regiões dos Estados Unidos. Havia sedes regionais em Los Angeles, Denver, Dallas, Chicago, Detroit, Atlanta e Nova Iorque, com dezenas de subunidades mais pequenas em praticamente todos os estados. Não eram raras as reuniões de dezenas de milhares de seguidores que aplaudiam nas reuniões da Bund em todo o país. Que tipo de homem poderia ter provocado tal transformação?

O líder da New Bund tem a palavra!

Fritz Julius Kuhn nasceu a 15 de maio de 1896, em Munique. Quando a Primeira Guerra Mundial começou, era um jovem metralhador voluntário na Infantaria da Baviera na Frente Ocidental. Graças à sua inteligência e coragem, ascendeu ao posto de tenente e recebeu numerosas condecorações de valor, incluindo a Cruz de Ferro de primeira classe. A capitulação do Kaiser desencadeou as forças do comunismo militante nas ruas da sua cidade natal, onde se juntou ao nascente N.S.D.A.P. em 1921. Nesse mesmo ano, inscreveu-se na Universidade de Mu-

nique, onde estudou engenharia química e espalhou a palavra aos seus colegas, entre os quais Elsa, a sua noiva. Participante no Putsch que fracassou dois anos mais tarde, ele e a sua noiva fugiram do país sob ameaça de prisão, dirigindo-se para a Cidade do México. Lá, casaram-se e tiveram dois filhos, um filho e uma filha. Durante os quatro anos seguintes, Fritz foi um químico de sucesso, mas surgiu uma oferta melhor da Ford Motor Company, pelo que mudou a família para Detroit e naturalizou-se. Em 1933, juntou-se aos *Amigos da Nova Alemanha*, subindo rapidamente na hierarquia até ao posto de líder do Mid-western, quando os directores da F.O.N.G. o colocaram unanimemente à frente da sua organização vacilante.

Pessoalmente, a estrutura corpulenta de Fritz Kuhn pendia sobre a sua estatura de 1,80 m de altura de uma forma semelhante a um urso que intimidava os seus inimigos. Mas os seus camaradas mais próximos conheciam-no melhor pelos seus modos gentis e coração sentimental. O homem que podia rugir do pódio contra os judeus também chorava todos os Natais quando ouvia a "Noite Feliz", porque lhe recordava a casa da sua juventude. Não desprovido de um sentido de humor irónico, enviou uma vez a Martin Dies, o paranoico congressista conservador que se dedicava a proibir o antissemitismo, bilhetes gratuitos para um comício do Bund. Acima de tudo, Kuhn caracterizou-se por um feroz sentido de lealdade, honestidade e comportamento correto em relação ao nacional-socialismo. Como uma vez declarou: "O serviço não é compensado por favores ou privilégios. Só através de um espírito de alegre auto-sacrifício é que prevaleceremos." Aqui estava o velho soldado, o veterano das trincheiras, a apelar aos instintos mais elevados dos seus ouvintes. Como até Diamond admite, "Em geral, os seus seguidores consideravam o seu trabalho muito bom."

O novo líder do Bund conseguiu revigorar o movimento, americanizando-o. Já não se preocupava em politizar a comunidade alemã, na sua maioria relutante, em detrimento da comunidade branca em geral. Kuhn "lamentava o destino da América alemã; não conseguia compreender por que razão estava a cortar as raízes ancestrais em favor da América judaica". No seu lugar, americanos de todas as origens nacionais começaram a juntar-se à suástica. Um comício típico do Bund, em fevereiro de 1939, foi dirigido pelo orador não alemão Russell Dunn. A sua audiência era composta por 30% de anglo-saxónicos, escandinavos e eslavos, 25% de irlandeses e 20% de italianos; apenas um quarto dos ouvintes eram alemães. Diamond escreve que "os participantes nas suas funções públicas eram maioritariamente não alemães. Cada vez mais, os observadores notavam que as reuniões eram frequentadas por irlandeses anti-britânicos da classe trabalhadora, russos emergentes, ex-militares italianos, Coughlinites (seguidores do imensamente pop-

ular "padre da rádio", Francis Coughlin) e americanos nativos da classe média baixa e da classe trabalhadora".

Kuhn também estabeleceu relações de trabalho com praticamente todos os grupos de direita e racistas dos Estados Unidos, especialmente com a *Silver Shirt Legion*, a primeira organização nacional-socialista genuína da América: "Frequentemente, os Bundistas marchavam lado a lado com a *Associação Liktor* de Josef Santi, o *Circolo Mario Morgantini* de John Finzio (ambos os grupos eram divisões dos *Camisas Negras italianos*), os *Camisas Castanhas ucranianos* e com remanescentes (sic) dos *Camisas de Prata* de Pelley e da *Confederação Nacionalista Americana* de Deatherage. O nacional-socialismo americano estava a ganhar vida própria e até a prenciar as numerosas unidades S.S. não alemãs que combateriam na década seguinte contra a União Soviética. As trocas de literatura e até de líderes eram comuns: "No Campo Nordland (do Bund), em Nova Jérсия, os representantes do Ku Klux Klan e Salvatore Caridi, presidente da secção de North Hudson dos Ex-Combattenti italianos, eram oradores frequentes." Esta cooperação civilizada contrastava fortemente com a acrimónia mesquinha que tem caracterizado a direita cada vez mais impotente na América nos últimos 50 anos.

O nacional-socialismo com um rosto humano

Mas havia outra razão para o crescimento do Bund: "O êxito de Kuhn deveu-se, em parte, à sua adesão ao princípio da liderança." Ele infundiu em todos os membros o mesmo princípio fundamental que tinha criado a organização musculada mas flexível do N.S.D.A.P.: Autoridade absoluta sobre os seguidores; obediência absoluta aos líderes. Este modo operandi de estilo militar foi necessário devido à violenta oposição que os Bundistas encontraram por parte de comunistas militantes e judeus históricos. Mas o Bund era atraente por mais do que as suas marchas dramáticas, comícios e batalhas de rua: "Muitos jovens na casa dos vinte anos foram atraídos pelas actividades fraternas do Bund, que incluíam um programa desportivo abrangente. No verão de 1936, as duas equipas de futebol do Bund, Hansa e Hamburg, tinham participado em torneios no Estado de Nova Iorque. Havia também equipas de competição de ténis, hóquei, natação e esqui. Para os não competitivos, o Bund patrocinava fins-de-semana de esqui nas montanhas Catskill. Todas as quintas-feiras, às nove da noite, o Bund organizava uma "Noite da Cerveja" e, para os que não gostavam de álcool, uma "Hora do Café". As bebidas e as sandes eram gratuitas, havia baralhos de cartas e eram projectados filmes gratuitos". Havia também apresentações de diapositivos muito interessantes sobre

a nova arte, música e arquitetura do Terceiro Reich.

Talvez o mais atrativo de tudo fosse a meia dúzia de espaçosos parques de campismo geridos pelo Bund em belos cenários naturais. Eles incluíam o "Hindenburg" de Wisconsin, perto de Grafton; o "Deutschenhorst" da Pensilvânia; o "Nordland", em Nova Jersey; o "Siegfried" de Long Island, em Yaphank e o "Efdende" de Michigan, em Pontiac. Estas extensas propriedades eram território nacional-socialista, onde a arquitetura de estilo viking, os vários trajes uniformizados e, sobretudo, o espírito comum de uma comunidade folclórica representavam um mundo de homens brancos *por excelência*. Os visitantes mais entusiastas dos campos Bund foram certamente as 600 crianças que brincaram e aprenderam em "Hindenburg" e "Nordland", de junho a setembro de 1937. Que "acampamento" devem ter tido! Quando, no outono, os rapazes e as raparigas regressaram às suas escolas públicas ou paroquiais, as suas primeiras composições, "Como passei as minhas férias de verão", foram, sem dúvida, uma leitura reveladora para os seus professores! Até Diamond lamenta que as crianças "pareçam ter gostado do verão", o que é dizer pouco.

Os campos de férias, encantadores e impecavelmente limpos, foram um sucesso tão grande que geraram receitas adicionais para o Bund, que alugava casas de campo durante todo o ano. O resto das receitas provinha das quotas, das contribuições dos apoiantes, da venda de revistas e da publicidade. Entre os prestigiados anunciantes das publicações do Bund contavam-se a Schlitz Brewing Company, a Telefunken Records, a Hapag-Lloyd Lines e a Hamburg-America Steamship Company. Poucos meses depois de Kuhn ter sido eleito seu líder, o Bund era totalmente autossuficiente do ponto de vista financeiro. "Ele infundiu uma nova vida ao Bund, que se encontrava em dificuldades, e fê-lo sem qualquer ajuda da Alemanha."

Um encontro casual com o Fuehrer

Apesar das maravilhosas realizações de Kuhn, Bohle continuava preocupado com o facto de o Bund parecer "demasiado alemão" e se assemelhar, ainda que erradamente, a um braço subversivo do Terceiro Reich nos Estados Unidos para a maioria dos americanos. Kuhn afirmava que o Bund, apesar de toda a sua expansão, continuava a ser o que sempre fora, desde os primeiros tempos da *Associação Teutónia* - um clube, muito mais fraterno do que político. Bohle, porém, tinha as suas dúvidas e recusava-se a permitir qualquer reconhecimento oficial do Bund,

que recebia literatura da A.O., mas nada mais. Ao longo de toda a sua história, a relação do Bund com a Alemanha foi friamente distante. Os nacional-socialistas na Alemanha esperavam dissipar qualquer impressão de que estavam a intrometer-se nos assuntos internos de outros países.

O gabinete de Bohle tinha ideias muito definidas sobre a A.O. e a necessidade de evitar suspeitas no estrangeiro: "O seu objetivo é encorajar os alemães no estrangeiro a manterem uma atitude de rigoroso respeito pelas leis e costumes do país onde são hóspedes, sem nunca esquecerem a sua terra natal. A *Organização dos Estrangeiros* (A.O.) ajuda todos os alemães no estrangeiro a manterem-se em contacto com a sua pátria e a defenderem os seus ideais na sua vida quotidiana." Bohle sentia profundamente que o Bund, com toda a sua americanização, comprometia o padrão rigoroso que ele estabelecera para a A.O. Esse nome estrangeiro, *Amerikadeutscher Volksbund*, devia ser abandonado por algo que soasse mais americano. Quanto ao facto de as coisas soarem pouco americanas, nada era pior do que o grosso sotaque bávaro de Kuhn. Será que ele não podia encontrar alguém que falasse inglês americano?

Mas o chefe da A.O. ficou muito envergonhado, se não mesmo chocado, ao ver uma fotografia de primeira página no *New York Times* do embaraçoso líder do Bund numa conversa amigável com ninguém menos do que o próprio Adolf Hitler. Aproveitando as implicações propagandísticas da "Quinta Coluna", os serviços noticiosos hostis (isto é, judeus) fizeram circular a fotografia por todo o mundo como prova de conluio internacional entre Fritz Kuhn e o seu Fuehrer. A fervilhar de mortificação, Bohle sabia que os judeus estavam a fazer grandes quantidades de feno político com este terrível faux pas, o que de facto aconteceu.

Mas o controverso encontro não foi de modo algum tão nefasto como o mundo foi levado a crer. Kuhn encontrava-se em Berlim por ocasião dos Jogos Olímpicos e teve a oportunidade, como muitos visitantes estrangeiros, na sua maioria pessoas comuns, de se encontrar com Hitler, a quem ofereceu uma história ilustrada do Bund. O Fuehrer agradeceu-lhe, trocaram algumas palavras simpáticas sobre Munique (a cidade natal de Kuhn e a preferida de Hitler) e a conversa terminou ao fim de 15 minutos. Por muito inocente que fosse o encontro, deu a Kuhn uma enorme credibilidade nos Estados Unidos, para desgosto de Bohle. Também despertou a atenção de vários investigadores governamentais, que analisaram todos os aspectos dos Bundistas, à procura da mais pequena impropriedade legal, com a qual os pudessem criminalizar. Como escreve Diamond, "Um problema com que se confrontaram os investigadores McCormack-Dickstein (e) que perturbou os

funcionários do Departamento de Estado foi o facto de os Bundistas não violarem nenhuma lei federal existente. A acusação de antiamericanismo era uma coisa; prová-la era outra. O procurador-geral dos Estados Unidos, Homer Cummings, e o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, tinham conduzido uma investigação sobre os assuntos internos do Bund e anunciado, a 5 de janeiro de 1938, que o grupo não violava qualquer lei federal". Kuhn acreditava que "tinha de trabalhar dentro, e não contra, o sistema legal americano".

O comício no Madison Square Garden

Eventualmente, o Bund foi considerado por muito menos pessoas como a organização subversiva que Bohle temia, especialmente quando o ressentimento popular passou dos Bundistas para o belicismo do Presidente Franklin Roosevelt. O Bund tornou-se um dos muitos grupos patrióticos que se opuseram ruidosamente aos seus esforços para envolver os Estados Unidos numa agressão militar contra os racialistas europeus. Dificilmente recordada hoje em dia, após 50 anos de propaganda implacável que retrata Hitler como inteiramente responsável pela Segunda Guerra Mundial, a Resolução Ludlow foi um esquema anti-americano vigorosamente promovido pelo F.D.R. no início de 1937 para reorganizar o poder judicial federal, que poderia pedir um "referendo nacional sobre uma declaração de guerra". Isto significava que o direito de fazer a guerra, especificado na Constituição dos EUA como prerrogativa exclusiva do Congresso, seria deixado para as sondagens nos jornais. Por outras palavras, se a histeria pública fosse suficientemente provocada por demagogos jornalísticos e governamentais, o povo americano poderia ser arrastado para qualquer guerra com base nos mais frágeis pretextos de grupos de interesses especiais influentes com agendas ocultas próprias. Sabendo que o Congresso se opunha firmemente ao seu desejo de envolver o nosso país nos envolvimento estrangeiros contra os quais George Washington advertiu, o F.D.R. procurou "a porta das traseiras para a guerra", como um historiador a descreveu. A Resolução Ludlow foi uma tentativa transparente de Roosevelt de cometer uma agressão inconstitucional e não provocada contra os europeus, que lutaram para libertar os seus povos da plutocracia internacional a que ele pertencia.

Os americanos receosos do canhão solto na Casa Branca começaram a levar mais a sério os pontos de vista isolacionistas de Kuhn, a começar por uma reunião de massas em Reading, na Pensilvânia, que atraiu 15 000 pessoas. Uma manifestação ainda maior e o maior triunfo público do Bund teve lugar a 20 de fevereiro de

1939, na cidade de Nova Iorque. O Madison Square Garden, decorado com colossais estandartes com suásticas e pendurado com slogans do Bund, encheu-se de gente de todo o Estado, que pagou os bilhetes até à sua capacidade máxima. Aplaudiram com entusiasmo quando as bandas de música de várias sedes regionais tocaram a Canção Horst Wessel, o hino nacional-socialista. Enquanto a música e os aplausos enchiam o grande salão, nada menos que 3.000 Stormtroopers uniformizados da O.D. marcharam em formação perfeita desde as traseiras do Madison Square Garden até ao pódio, onde Fritz Kuhn se dirigiu aos seus 22.000 ouvintes. Perto dele erguia-se a imagem de 30 pés de altura de George Washington, cujo aniversário estavam a celebrar. O tema era muito oportuno, contrastando a famosa política do nosso primeiro Presidente "sem envolvimento estrangeiros" com as maquinações internacionais do F.D.R. para outra guerra estrangeira.

O líder do Bund avisou que o bando de Roosevelt, composto por judeus especuladores, plutocratas sem raça e subversivos comunistas, precisava de destruir o Terceiro Reich, porque Hitler tinha criado um sistema que tornava o povo alemão economicamente independente das influências da bolsa estrangeira. Perder a Alemanha próspera já era mau o suficiente para os homens do dinheiro internacional. Mas as nações exteriores estavam a começar a olhar favoravelmente para essas mesmas ideias. Se elas se espalhassem para outros países, então o estrangulamento financeiro dos judeus sobre o mundo seria perdido. E esses outros estados gentios, igualmente afligidos com a agitação marxista, eram adicionalmente atraídos pelo nacional-socialismo e pelo fascismo, as únicas ideologias suficientemente fortes para acabar com o comunismo. Kuhn avisou, profeticamente, que se os americanos entrassem numa guerra contra o Eixo, poderiam ganhá-la militarmente, mas iriam certamente perdê-la politicamente, porque todos os males que estavam a ser limpos por Hitler seriam revivificados e libertados para atormentar a América. A infiltração comunista no Governo dos Estados Unidos destruiria as nossas liberdades, o marxismo impregnaria o pensamento americano e hordas de negros selvagens, agitados e armados, dariam início a vagas de criminalidade urbana a uma escala nunca antes imaginada. Tal como George Washington foi o pai da nossa república constitucional, disse Kuhn, também Adolf Hitler é o pai do nosso nacionalismo racial. Os dois não se excluem um ao outro. Pelo contrário, ambos se complementam, como representação da liberdade política e racial da humanidade ariana.

Apesar de proferidas com um sotaque alemão que fazia o Emst Bohle estremecer de vergonha, as palavras do líder do Bund foram recebidas com entusiasmo. Na maior parte das vezes! O seu discurso foi, por vezes, interrompido por comunistas

enviados para perturbar a reunião. Para frustração e desapontamento dos Stormtroopers, os membros da multidão, enfurecidos por estes manifestos marxistas, rapidamente espancaram os vermelhos até se transformarem em polpas sangrentas, antes que os ansiosos homens da O.D. lhes pudessem deitar a mão. Felizmente, a sua oportunidade chegou mais tarde, ao fim da tarde: "Um homem, Isadore Greenbaum, rompeu a linha de homens da O.D. que guardavam Kuhn e tentou atacar o Bundesleiter. O guarda caiu sobre Greenbaum e arrastou-o para fora do palco." Fizeram mais do que isso. Depois de o terem espancado quase sem sentidos, arrancaram-lhe as calças e até as cuecas, e atiraram-no ao chão, de tronco nu, perante os 22.000 espectadores, que se puseram a rir às gargalhadas perante o "kike" sem peias. Greenbaum foi autorizado a sair do pavilhão com o rabo entre as pernas e a apanhar o ar invernos de Nova Iorque.

"Um milhão de membros em 1940!"

O Madison Square Garden tinha completado o ciclo do julgamento de ódio aos judeus, seis anos antes. O seu comício em massa representava o auge da atividade do Bund. Entre as várias faixas com letras que cobriam o imenso auditório, uma dizia: "Um milhão de membros em 1940!" Esse objetivo talvez estivesse fora do alcance de Fritz Kuhn, mas quantos seguidores atraiu realmente o Bund? Estranhamente, ninguém sabe ao certo. Antes da participação oficial dos EUA na Segunda Guerra Mundial, os registos de membros foram supostamente destruídos pelos próprios Bundistas, antecipando uma caça às bruxas anti-nazi por parte do governo federal. Diamond escreve que os Stormtroopers da O.D. representavam um décimo do total de membros. Se isso estiver correto, podemos aproximar o número de Bunds no Madison Square Garden da região da Nova Inglaterra, com indivíduos adicionais de outras sedes a leste do rio Mississippi. Outras 1.500 a 3.000 pessoas compunham as unidades restantes. Tomando o número baixo de 4.500 homens da O.D., chegamos a um número aproximado de 45.000 membros do Bund. Estes eram activistas com cartão, cujos deveres mínimos incluíam o pagamento de quotas, a participação em reuniões e a distribuição de literatura.

Para além dos membros, havia apoiantes não registados, simpatizantes que contribuíam para o movimento de várias formas irregulares. Havia provavelmente cerca de um quarto de milhão dessas pessoas, uma vez que para cada membro havia aproximadamente cinco apoiantes; mesmo esta é uma estimativa conservadora. Quanto às pessoas favoravelmente inclinadas para o Bund e que poderiam ter votado num candidato do Bund numa eleição, se lhes tivesse sido dada a oportu-

tunidade de o fazer, ninguém pode saber com certeza. Mas, sem dúvida, vários milhões de americanos, talvez até cinco a dez milhões, com base nos números acima referidos, teriam votado no Bund. Um apoio e um ativismo tão amplos na América põem para sempre de lado a mentira calculada de que o nacional-socialismo nunca teve seguidores populares aqui. Mas o que os judeus dizem ao público e o que discutem entre si são duas coisas completamente diferentes.

Embora gritassem através dos seus meios de comunicação capturados que o Bund era um "Cavalo de Troia" anti-americano enviado por Hitler para tomar conta dos Estados Unidos, sabiam que essa peça de engano estava a ficar rapidamente obsoleta à luz dos imensos seguidores do Bund e do muito maior ressentimento isolacionista do belicismo do F.D.R.. A propaganda de Hollywood e dos jornais não conseguia conter a crescente onda de oposição popular aos seus esquemas. Os seus servidores no FBI e nos comités de investigação do Congresso não conseguiram encerrar legalmente o Bund.

Julgamento e prisão

Os judeus, que nunca foram um povo que se deixasse intimidar por meras legalidades gentias, avançaram sem perder tempo para o passo seguinte contra o Bund, para o subverter a partir do interior. Ao organizar uma reunião de massas muito bem sucedida no coração da própria Nova Iorque dos judeus, o líder do Bund tinha mostrado mais atrevimento do que eles podiam suportar. Apenas dois meses depois do comício no Madison Square Garden, foi acusado de falsificação e furto pelo procurador distrital da cidade, o politicamente ambicioso Thomas Dewey. Dewey esperava ganhar o apoio dos judeus para a sua próxima campanha presidencial crucificando o seu arqui-inimigo. Ironicamente, o julgamento de Kuhn teve início a 9 de novembro, no aniversário do Putsch de Munique em que participou 16 anos antes. Este seria novamente um período de auto-sacrifício.

Kuhn foi representado por um advogado ítalo-americano competente: "A defesa de Sabbatino foi excelente e, durante algum tempo, pareceu que Dewey não ganharia o caso. As acusações de Sabbatino foram-se desfazendo das acusações". As principais acusações contra Kuhn, incluindo a alegada apropriação indevida das receitas de 14 548 dólares do comício de fevereiro, foram retiradas. "O caso acabou por se basear na alegação de que Kuhn não tinha pago uma taxa legal de 500 dólares a um advogado que tinha defendido seis Bundistas no caso da German-American Settlement League, no ano anterior." A acusação era insignifican-

te, mas o Ministério Público "tentou convencer o júri de que, embora Kuhn afirmasse ter pago os honorários, na realidade tinha roubado o dinheiro (uns míseros 500 dólares?!) e falsificado a soma no livro de registos. Até ao fim, Kuhn manteve a sua inocência".

De facto, o seu estilo de vida espartano e as suas substanciais poupanças de anos como químico de valor faziam com que o suposto roubo de uma quantia tão baixa de dinheiro parecesse ridiculamente fora da realidade. Para além disso, toda a vida de Kuhn era o Bund. Não tinha interesses fora do trabalho e da camaradagem que este lhe proporcionava. Como Sabbatino salientou, nada na vida inteira do homem indicava qualquer desonestidade ou comportamento impróprio, muito menos criminoso. Pelo contrário, sacrificou-se pelo seu país na Primeira Guerra Mundial, arriscou a vida no Putsch de Munique e, depois disso, dedicou-se totalmente à sua família e, não menos do que isso, ao Bund. Nem ele nem a mulher tinham uma casa grande, carros caros, uma conta bancária recheada ou bens de luxo de qualquer tipo. Mas, afinal de contas, estávamos em Nova Iorque, nas vésperas da tão sonhada guerra dos judeus contra Hitler. Assim, a 5 de dezembro, Fritz Kuhn foi considerado culpado e condenado a 2,5 a 5 anos de prisão em Sing Sing.

O fim do Bund

Quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, o Bund dissolveu-se voluntariamente. Foi a época mais negra para os nacional-socialistas americanos. Não só foram forçados a manter o silêncio, enquanto as massas dos seus compatriotas trabalhavam alegremente, lutavam e por vezes morriam para matar os seus compatriotas brancos na Europa e demolir a sua cultura do Velho Mundo. Viram todo o seu trabalho árduo, sonhos, vitórias e esperanças dos últimos seis anos evaporarem-se na histeria da guerra. O pior de tudo é que os Bundistas tiveram de testemunhar o colapso do Terceiro Reich e o repugnante triunfo do judaísmo mundial através das suas legiões de gentios. A luz de uma era sem precedentes de irmandade racial ariana e a promessa de uma nova civilização branca desapareceram. A partir de então, o Declínio do Ocidente arrastaria a sociedade americana para a destruição interna pelas mesmas forças contra as quais os Bundistas advertiram por tanto tempo. Era o princípio do fim do mundo, e eles sabiam-no. Durante algum tempo, foi demasiado difícil de suportar. Dominado pelo desespero, George Froboese suicidou-se a 16 de junho de 1942.

O triste destino de Fritz Kuhn

Fritz Kuhn também queria morrer. Definhava numa prisão federal, esquecido pelo mundo exterior e desprezado tanto pelos guardas como pelos reclusos. Até a sua mulher, Eisa, e os filhos tinham desaparecido, repatriados para a Alemanha. Nenhum homem estava mais sozinho. Enquanto esteve preso, foi-lhe retirada a cidadania e, depois da guerra, foi deportado. Com problemas de saúde, foi libertado em abril de 1946. A última vez que viu a sua pátria foi durante os dias de glória do Terceiro Reich; agora, a maior parte dela ainda estava em ruínas devido à guerra que ele tentou evitar. De regresso à sua cidade natal, arranja trabalho numa pequena fábrica como químico industrial. Mas o gosto de vingança dos judeus ainda não estava satisfeito e, ao fim de apenas um ano de liberdade, foi novamente preso pelos chamados funcionários da "desnazificação" da Baviera, sob a acusação, falsa e totalmente infundada, de ter tido relações estreitas com Adolf Hitler, consideradas criminosas pelas autoridades de ocupação.

Kuhn foi encarcerado por investigadores americanos de crimes de guerra no campo de concentração de Dachau por um período indefinido. Uma jovem rapariga, Hedwig Munz, que trabalhava nas instalações da Força Aérea Americana, teve pena do homem doente, envelhecido para além da sua idade devido aos cuidados e maus tratos, e levou-o pela mão até à porta principal do campo. Mostrando uma gratidão cavalheiresca a Hedwig, parecia, no entanto, indiferente à sua própria libertação inesperada. Sem oferecer qualquer resistência à sua recaptura seis meses mais tarde, os funcionários sem coração devolveram-no, no início do inverno, a Dachau sem aquecimento. Acabaram por libertá-lo em 1950, pedindo-lhe que fosse para casa e morresse. Os dez anos de prisão tinham, de facto, quebrado a sua condição física, anteriormente robusta. Com cinquenta e cinco anos de idade, Fritz Kuhn faleceu na cidade onde ele e o seu Ideal nasceram, Munique, a 14 de dezembro de 1951, ao som da sua canção de Natal favorita, "Silent Night".

A sua morte passou praticamente despercebida ao mundo em geral, que tinha outras distrações na altura. Jovens soldados americanos estavam a ser mortos por comunistas não brancos na Coreia, a primeira de uma longa série de guerras.



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHRIFT DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITSPARTEI AUSLANDS - UND AUFWAHRORGANISATION

Der Kampf geht weiter !

Nothing like such the Capitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

Abstrakte von Mauthausen, Verfolgung, Verdächtig und Verleumdung haben nicht aufgehört, die Krone der gesamten hier unseren kult gehalten Führer Adolf Hitler zu sein.

Alle Nationalsozialisten sind solange arbeitslos, Unberufen, und Rassenmischer als Hitler an der Spitze an der Führung unserer weißen Völker.

Der Kampf ist eine ständige Gewissheit, aber die Größe der hochgradigen Völkertat ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unerschütterliche Gegner ist ohne Abzug, die Völkertat - gegen alle weissen Völker (V) - zu handeln, keine Mittel und Eisenbahnen, Überlebende und Rassenmischer.

Ob "legal" oder "illegal", ob in Wirklichkeit oder im "Reinheitsgrad", ob mit Propagandaarbeit, bewaffnet oder auf einem Volkstribunal anderer Art, jeder Nationalsozialist hat seine Pflicht!

Hitler!
Goebbels!
Ludwig!



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.06.2022 (137)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly Dem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no "Estricte" da Humanidade (www.mourningthecent.com/ truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the greatest National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware countries and racial kinmen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are now White immigration, culture distortion, and neo-nazism.

Whether "legal" or "illegal", whether in election halls or court halls, whether armed with propaganda material or in a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hitler!
Goebbels!
Ludwig!



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor do Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



SS Defender against Bolshevism
by Reichführer SS Reichleiter Blumner
FOR-DANMARK! MOD BOLJREVISMEN!
Translated from the SS Original

The Poisonous Mushroom
Julius Streicher for Hitlers Führer Book
Der Giftpilz
Translated from the Third Reich Original

Hitler in Italy
Reinrich Reiffenauer
HITLER in ITALIEN
English / German / French / English

SS Viewpoint - Vol. 9
Wife and Family

The Sins of High Finance
Theodor Fritsch
INORSE!

Luftwaffe War Art
Die Luftwaffe im Bild
English - German / French - English

BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!